

# Um tríptico: sobre projetos sociais da psicanálise migrante

*A triptych: on the social projects of migrant psychoanalysis*

---

Fania Izhaki\*

## Introdução

Os artigos que se seguem formalizam as falas da mesa redonda *Psicanálise em extensão: extensões em psicanálise*, realizada no CPRJ em novembro de 2022. Neles, três psicanalistas expõem projetos sociais em que a psicanálise migrou seja para o atendimento de populações historicamente desassistidas de cuidados de saúde mental, seja trabalhando com grupos de migrantes – numa sala de pré-vestibular comunitário ou numa oficina de mulheres em uma instituição cultural.

Nesta introdução gostaríamos de destacar características destes projetos inovadores, propondo uma leitura em forma de tríptico que evidencie a potência das questões abordadas e das opções metodológicas dos três projetos: o *Projeto Ponte* (migrantes), o *Projeto Travessia* (mulheres em instituição cultural) e o *Projeto Tá na Roda* (vestibular comunitário).

A migração da psicanálise teve início ainda com Freud quando, em 1918, propôs a institucionalização das clínicas públicas como forma de a população em geral ter acesso à psicanálise. As clínicas públicas de Berlim, Viena e Budapeste floresceram e influenciaram o movimento psicanalítico. No Brasil, Katrin Kemper – antiga participante da Clínica popular de Berlim – e Hélio Pellegrino fundaram em 1973 uma Clínica social pioneira no atendimento a preços simbólicos e com o funcionamento baseado em banco de horas concomitantemente à criação do CPRJ. Hoje, mais uma vez, a democratização da psicanálise está no foco do movimento psicanalítico brasileiro, sendo o atendimento de populações desassistidas e fora do consultório um dos eixos deste processo.

---

\* Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Doutora em medicina social pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/ UERJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. faniaizhaki@hotmail.com

Weissmann, no artigo sobre o *Projeto Ponte*, propõe o conceito de interculturalidade como o principal articulador da experiência subjetiva de migrar. Descreve a interculturalidade como um “[...] processo de apropriação e de pertença da cultura de origem, junto ao processo de incluir e tornar próprios modos de circulação social e de compreensão cultural do novo país de migração” (WEISSMANN, 2019, p. 247).

Quando o trabalho de psicanalistas migra, o conceito de interculturalidade também pode ser tomado como articulador desta migração. Os três projetos apresentados se perguntam constantemente de que se apropriarão a partir de seu pertencimento, de sua prática clínica e de seus estudos da clínica em consultório, para circular na realidade do sofrimento psíquico das populações que se propõem a atender e do atendimento em espaços institucionais fora do consultório. São bastante cuidadosos e éticos na institucionalização dessa interculturalidade que se faz em processo.

## Os três projetos optam pelo atendimento em grupo

Embora a questão não seja diretamente problematizada por nenhum dos artigos, há neles pistas daquilo que os levou a tal opção. Rocha afirma, em seu artigo sobre o *Projeto Travessia*, que “nosso trabalho se realiza preferencialmente em grupo.... A preferência por esta modalidade deve-se à noção de que a contenção grupal é um fator propulsor da elaboração psíquica individual. Através de diferentes identificações e vínculos emocionais, o espaço grupal possibilita novas experiências de sociabilidade, o exercício das trocas intersubjetivas, a construção e o compartilhamento de novas narrativas”.

Já Klautau esclarece que o *Tá na roda* propõe “um trabalho de escuta a ser efetuado *no coletivo e através do coletivo*”. Enfatiza a importância do trabalho em grupo para a ocorrência do intercâmbio entre identificações e projeções que propiciam um trabalho coletivo de elaboração de sofrimentos socialmente produzidos, capaz de desnaturalizar mecanismos de defesa que os mantinham silenciados na esfera individual, propiciando seu compartilhamento, seu reconhecimento e nomeação”.

Trabalhar em grupo parece ser, então, uma opção que potencializa elaborações. Ainda assim, há que ressaltar sua diversidade: enquanto o *Travessia* intervém sob demanda em grupos de cinco a dez pessoas – de forma presencial ou remota – o *Tá na roda* propõe sua intervenção presencial para turmas já formadas de vestibulandos que têm em média 35 participantes.

## Os três projetos trabalham com sujeitos que vivenciam situações e processos de transição

Cada um dos projetos se depara ao longo dos encontros com processos de transição e sofrimentos específicos cujo reconhecimento é fundamental na definição do dispositivo clínico a ser adotado.

Weissmann propõe que reflitamos sobre o trabalho psicanalítico com migrantes – aqueles que se deslocam no espaço e precisam enfrentar mudanças culturais e de vínculos, por vezes acrescidas de mudanças de língua. Propõe o conceito de interculturalidade como o principal articulador da experiência subjetiva de migrar. E adverte que a construção da identidade intercultural será “uma produção própria e inédita de cada sujeito, sob a influência de diferentes culturas. A constituição dessa identidade intercultural está em contínua transformação a vida toda, naqueles sujeitos que conseguem apreender e se fazer donos daquilo que as diversas culturas oferecem, somando à sua constituição intersubjetiva intercultural” (WEISSMANN, 2019, p. 243).

Para Klautau a construção de dispositivos coletivos de escuta em um pré-vestibular comunitário tem o intuito de ofertar um espaço de elaboração para um momento transitório marcado pela busca de um futuro profissional, oferecendo uma escuta tanto para o reconhecimento e para a legitimação de questões típicas do período da adolescência, quanto para dar voz ao desamparo socialmente produzido e banalizado pelo discurso neoliberal e pela reprodução de práticas coloniais.

Para essa Autora, ouvir jovens oriundos da periferia nos faz testemunhar “a presença de um tipo de sofrimento cuja raiz extrapola o universo da idiosincrasia individual, revelando como sofrimentos podem ser socialmente produzidos, inscrevendo marcas – oriundas da invalidação, da depreciação e da desqualificação – que tatuam a negatividade como constitutiva da própria imagem, fazendo com que os sujeitos só alcancem reconhecimento simbólico a partir da condição de inadequação.

Carreiro (2003) defende a ideia de que “sofrimentos de origem social são incrustados nas subjetividades sem serem compartilhados coletivamente. O uso do dispositivo grupal possibilita a circulação da palavra e coloca em cena sofrimentos que estavam, até então, silenciados”.

O que há de comum nas populações atendidas pelo projeto *Travessia* é a condição de precariedade e o estado de vulnerabilidade social. Suas intervenções são conduzidas focadas no sofrimento psíquico gerado pela violência, pela vulnerabilidade psíquica e pela exclusão social. Rocha adverte que, “fre-

quentemente, a clínica extensa se organiza para dar conta do excesso, do traumático, do que se encontra à margem da simbolização”. Para Rocha,

em todas intervenções clínicas que levam em conta a questão do trauma, o trabalho psíquico será no sentido de desalojar as defesas e os afetos da experiência traumática, possibilitando a criação de novas narrativas. Para tanto, o próprio espaço da experiência psicanalítica é concebido como potência criativa, tomado como objeto transformacional, de acordo com a conceitualização de Bollas (2015), isto é, um objeto que possui a qualidade de promover investimentos a serviço do narcisismo e de soluções criativas. A experiência psicanalítica se mostra como um processo que possibilita transformar a visão do mundo externo e do próprio sujeito consigo mesmo. O espaço de confiança dessa experiência deve ser sustentado por um ambiente físico empático, continente, em que seja testemunhada a dor psíquica.

Facilitar o processo de interculturalidade de migrantes, intervir para ajudar sujeitos a dar conta do excesso, do traumático e do que se encontra à margem da simbolização e facilitar a elaboração de questões típicas da adolescência e daquelas socialmente produzidas, são transições especialmente trabalhadas respectivamente pelos três projetos. Isto não exclui outros efeitos. Tanto Klautau quanto Rocha salientam os efeitos políticos de seus trabalhos. Parafraseando Klautau, o *Tá na roda* vem desencadeando um movimento *no coletivo e através do coletivo* que possibilita tanto o deslocamento de posições fixadas no laço social quanto a produção de interações coletivas criadoras de pensamento crítico. Desta forma, a circulação da palavra passa a possuir efeitos tanto clínicos como políticos.

## Os três projetos criam dispositivos de trabalho clínico

De um modo geral, os três projetos estão sempre abertos para trabalhar sofrimentos emergentes ao longo dos encontros e não hesitam em ir reestruturando sua metodologia de trabalho criando dispositivos que adotam uma postura ética de realizar “uma clínica sob medida para cada situação. (...) associada a uma postura analítica implicada, que leva em conta as especificidades da condição social de cada população a quem se pretende atender”, como afirma Rocha ao falar do projeto *Travessia*.

Weissmann permite que os participantes possam entrar e sair dos grupos, uma vez que reconhece o movimento de afastamento e aproximação como um

modo peculiar do migrante de fazer vínculo. A permanência no projeto depende então da frequência dos participantes e a estabilidade é garantida pelos terapeutas, os horários e os dias de atendimento, independentemente do grupo presente a cada dia.

Rocha, em seu artigo, prioriza o trabalho clínico de resgate da experiência traumática no qual

a mobilização da função associativa, apoiada na função de *holding* e continente da escuta polifônica, pode ser acionada pelas vias sensoriais que, por sua vez, possuem condição de acessar registros psíquicos que não alçaram à simbolização. Aposta, então, na potência das intervenções estéticas, que não passam pela representação de palavra, mas que podem produzi-la. São intervenções que ‘puxam a fala’, como diz Pablo Castanho (2012).

Utiliza colagens, pinturas, composição de textos e dramatizações numa

proposta experiencial-reflexiva – no sentido de que trabalhamos conjuntamente duas dimensões processuais: há um primeiro momento de fruição da experiência, em que a proposta é deixar-se afetar pela atividade, entregando-se à experiência perceptiva e de criação; e um segundo momento, em que pode-se apresentar o que foi produzido, olhar de outro ângulo, conversar sobre a experiência e refletir sobre seu impacto em si mesmo e nos outros. Com a mediação de estímulos artísticos e vivências sensoriais compartilhadas, temos acesso à expressão de pensamentos e emoções, criando possibilidades lúdicas e criativas de elaborar as experiências traumáticas vividas. Busca-se a instalação de um espaço de confiança para que a dor psíquica e as angústias se transformem em narrativas, abrindo a possibilidade de mobilização narcísica e compondo uma rede de reconhecimento e cuidado mútuos. Na medida em que são testemunhadas e acolhidas, essas angústias podem ganhar outros destinos.

Em sua prática almeja

criar um espaço lúdico, em que o contínuo fluxo de pensamentos e sentimentos possa estar suscetível a ser reestruturado, ao ser novamente experimentado no contexto de cada novo encontro. Nesse espaço, situado entre as experiências de ilusão e desilusão, o sujeito interage e diferencia a fantasia da realidade, tornando-se capaz de se comunicar consigo mesmo e com o mundo. Através do brincar, existe algo mais em jogo que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à

ação (...). Nesse processo, a instalação de ritmos nas narrativas serve de apoio às emoções e às experiências dos sujeitos. Essa qualidade de brincar e de jogar em ritmos próprios ou coletivos encontra nas linguagens artísticas, experienciadas em grupo, um potente suporte provocativo.

A abordagem clínica adotada no projeto apoiada na utilização de dispositivos lúdicos e estéticos sob medida “possibilitou que uma integrante do grupo narrasse o inenarrável, com ressonância em todos os participantes envolvidos”.

O projeto *Tá na Roda* é realizado através de grupos operativos semanais gratuitos (PICHON-RIVIÈRE, 1980), com uma hora e vinte minutos de duração, dedicados à escuta e à elaboração de questões que permeiam o processo de preparação para a entrada na universidade. A tarefa do grupo operativo é a instituição de uma associação livre coletivizada.

Partindo da premissa de que grupos operativos são estruturados por mecanismos de autorregulação e são colocados em funcionamento por um coordenador munido da tarefa de fazer a palavra circular, o seguinte convite é feito aos participantes: *o que vocês querem colocar na roda hoje?* Esse pontapé inicial, convoca os jovens a coletivizarem algo de si. O objetivo principal desse convite é possibilitar a construção de um processo de associação livre coletivizada capaz de permitir que cada participante possa tomar a palavra e agir inspirado pelo discurso dos outros, realizando um trânsito de identificações: projetando-se nos outros, os jovens encontraram possibilidades tanto de se identificarem quanto de se diferenciarem. Dessa forma, os mecanismos de identificação e de projeção funcionam como ferramentas de trabalho para instaurar a possibilidade de os participantes escutarem e serem escutados: ao mesmo tempo em que falam de si, falam do outro e até mesmo pelo outro.

Para a garantir o funcionamento do dispositivo, semanalmente, a equipe de trabalho atua revezando duas funções que são efetuadas dentro e fora das rodas: a tarefa de fazer a palavra circular (coordenadores) e o registro de como o exercício de associação livre se configurou – isto é, a escrita de um diário de campo que funciona como um registro dos encontros (cronistas) seguindo a metodologia de trabalho proposta por Broide e Broide (2016).

O diário de campo funciona como uma bússola para o trabalho a ser realizado. Toda semana nos reunimos para discutir as crônicas. Além de debatermos sobre os temas que foram colocados na roda, as afetações da equipe e os obstáculos encontrados na

tarrafa de fazer a palavra circular, na maioria das vezes, travamos uma discussão em torno do que há de latente no conteúdo manifesto produzido pelo grupo a partir do exercício de associação livre coletivizada. O material latente, ao se tornar manifesto, pode operar como uma espécie de ferramenta clínica propícia para estabelecer uma continuidade entre as rodas e, também, para destravar o movimento de resistência e retirar o grupo da pré-tarefa, funcionando, assim, como propulsor do movimento de associação livre coletivizada.

Tornar manifesto o que estava latente, também pode produzir um efeito de reconhecimento, de asseguramento de que o conteúdo emergente da dimensão singular se propagou para o coletivo e está saindo do silenciamento, ganhando voz e sendo colocado em palavras. Esse movimento passou a fazer parte do nosso enquadre e a ser chamado, pela nossa equipe, de *amarração*. Amarração latente e manifesto, pode atuar, também, como um fator terapêutico, propiciando o reconhecimento de conteúdos que estavam invisibilizados. Dessa maneira, a escuta psicanalítica pode operar no âmbito coletivo como um instrumento de cuidado.

Nesta introdução destacamos algumas das características dos dispositivos clínicos utilizados que pareceram dar conta da riqueza criativa e da postura ética adotada por cada um dos projetos. Este foi nosso convite à leitura atenta a cada um dos textos que se seguem louvando sua contribuição ao movimento de democratização da psicanálise.